

## Ouvir, compreender, conviver: “Eis a questão”

Osmar Trevizan \*

**Resumo:** Neste artigo, discute-se a reação contrária das comunidades surdas, em relação ao surgimento em 1990, de novas técnicas cirúrgicas, que permitem a audição, aos portadores de deficiência auditiva em graus severos e profundos. Elaboram-se, algumas reflexões sobre a manutenção da identidade surda, e a sua necessidade em função da própria história. Debate-se, a aceitação do Implante Coclear (I.C), e das discriminações em relação aos deficientes auditivos, e também, apresentam-se algumas reflexões, utilizando-se da alegoria da caverna de Platão, do mito, do senso comum e da ideologia, no sentido de que novos estudos nessa área, sejam realizados para que se alcance patamares superiores de entendimento.

**Palavras chave:** implante coclear; surdez; discriminações; identidade surda.

**Listen, understand, live: “That is the question”.**

**Abstract:** This article discusses the backlash of deaf communities in relation to the emergence in 1990, new surgical techniques that allow the hearing, the hearing impaired in severe and profound. It elaborates some reflections on the maintenance of deaf identity, and its necessity in light of history itself. Debate is the acceptance of the cochlear implant (C.I), and discrimination against deaf people, and also present some reflections, using the allegory of Plato's cave, myth, common sense and ideology, in the sense that new studies in this area carried out in order to reach higher levels of understanding.

**Key words:** cochlear implant, deafness; discrimination; deaf identity.



\* OSMAR TREVIZAN é Graduado em História. Pós Graduado em Educação Especial.



### Introdução

Este artigo, procura elaborar algumas reflexões sobre o implante coclear (IC) para os portadores de deficiência auditiva (DA) severa e profunda.

Esse estudo foi realizado tendo sempre como fonte diferentes autores, com opiniões muitas vezes contrárias, opostas, mas que direcionaram sempre na possibilidade de graus superiores de entendimento.

Desde a efetivação da cirurgia do IC, realizado em crianças brasileiras a partir de 1990, surge um movimento de rejeições ao implante, de setores distintos da sociedade. Mas, a oposição mais sistemática é constituída principalmente pela comunidade dos não-ouvintes, e essa visão negativa ao implante, deve-se a muitos fatores e inclui alguns aspectos das discriminações contra todos os deficientes ao longo da história humana. Além disso, outros elementos devem ser levados em consideração, como a estruturação do senso comum, da ideologia, da identidade e mesmo da necessidade vital da preservação das comunidades surdas.

Portanto, nessas reflexões, procurou-se os fatores objetivos e subjetivos, dos elementos que estruturam a rejeição ao

IC. Enfim, procurou-se identificar, muito menos que compreender, os questionamentos, temores, e uma infinidade múltipla de dúvidas intrínseca a essa questão da rejeição sistemática a esse ouvido biônico (IC), que é basicamente um dispositivo biomédico de alta tecnologia, que realiza a função das células da cóclea que estão danificadas. Esse implante é recomendado para crianças com deficiência auditiva bilateral de grau severo e profundo, que são impossibilitados de ouvir com aparelhos de amplificação individual. Os IC são aparelhos biocompatíveis aos seres humanos e permitem a percepção da fala em frequências muito altas (agudas), possibilitando a aquisição da linguagem oral. Além disso, são projetados para funcionar durante toda a existência do implantado, e permitem adaptações tecnológicas futuras sem a necessidade de outras novas cirurgias.

Apesar do ganho realmente efetivo da audição, conforme Moura (2000), Bueno (1998) e mesmo Lichtig (2003), as comunidades surdas de maneira geral, levantam uma série de objeções, argumentando que: Não se deve alterar a condição de estigmatizado! Que é necessário primordialmente uma coesão na comunidade surda! Que eles não são deficientes auditivos, são surdos ou Surdos; Que não realizam um implante coclear, pois imaginam que podem morrer na cirurgia; Que o implante pode de alguma forma ferir o orgulho dessa condição de surdez! Que os surdos têm que possuir uma identidade e cultura própria (que o implante de alguma forma alteraria)! Que os surdos tem que ser reconhecidos como pertencentes a um grupo minoritário e permanecer assim enquanto surdos!

Como ouvir, compreender e conviver com todas essas argumentações?

Acredita-se, a princípio que todo esse conjunto de “não concordância” provavelmente ainda não podem ser respondidas adequadamente como em um passe de mágica, pois elas ainda são complexas, multifacetadas, incompreensíveis, e recentes demais para terem sido devidamente analisadas, como se, de certa forma, fossemos ainda apenas aprendizes trabalhando com tentativas, experimentando através de uma série de erros e acertos, seguindo enfim, titubeantes, na direção e na procura efetiva de uma melhor compreensão sobre esses múltiplos problemas.

Porém, apesar de pouco se conhecer sobre esse tema, pode-se de certa forma afirmar, que os conceitos de antropologia dizem que as subculturas têm a necessidade de acomodarem-se umas as outras. E que, as subculturas sempre diferem de todo o resto sob alguns aspectos, e a cultura total consiste na somatória de todas as subculturas. E, como unidades funcionais, nenhuma unidade delas pode existir sem a outra e nenhum indivíduo ou grupo pode conhecer intimamente o conteúdo total da cultura a que pertence (LINTON, 1987). E além disso:

As peculiaridades Individuais não podem ser classificadas como parte da cultura, no sentido em que o termo é ordinariamente empregado, pois não são partilhadas pelos membros da sociedade. Ao mesmo tempo, são de importância extrema na dinâmica cultural, pois constituem o ponto de partida de tudo quanto posteriormente se incorpora à cultura (LINTON, 1987, p.266).

Portanto, o fato da comunidade de não ouvintes, procurar sempre manter uma unidade, uma identidade, parece ser absolutamente natural se consideramos

que “não é somente entre os povos não-civilizados ou nos distritos rurais que a tendência para o tipo de organização em bandos se afirma. As próprias populações das cidades revelam forte tendência a segregar-se em unidades locais” (LINTON, 1987, p.214).

Deve-se então, ser levado sempre em consideração, que as subculturas e a cultura geral, se complementam. Por outro lado, se a formação de comunidades, e de agrupamentos, parece ser uma condição da nossa civilização, no entanto outros conceitos, como a inclusão e o respeito às diferenças, também são propostas atuais que devem ser levadas em consideração, pois o mundo não pode ser simplesmente dividido, entre uma cultura surda dominada e uma cultura ouvinte dominadora, ou mesmo entre deficientes auditivos sem ou possuidores de um moderno implante coclear.

Segundo Bueno (1998), a surdez é um traço de identificação, mas indaga: “Eles fazem parte de uma mesma comunidade só pelo fato de serem surdos?”

Aparentemente isso faz muito sentido, pois negar a existência ou não levar em consideração outras determinações, como classe, gênero e outras características, torna incompleto todo um conjunto de pensamento. Segundo Bueno, isso acaba por reduzir em muito as noções teóricas do próprio multiculturalismo. Por outro lado, se comunidade surda, é o local onde os surdos se encontram e sentem-se entre iguais, isso acaba levando a uma grande contradição, pois esses locais são frequentados também por inúmeros parentes e profissionais amigos dos deficientes auditivos, que necessariamente não são surdos (BUENO, 1998).

Nessa linha de pensamento, a explicação do termo “comunidade”, seria apenas uma generalização de conceitos, sem nenhuma preocupação teórica que fundamente esse espaço supostamente restrito apenas aos não ouvintes.

Assim sendo, a língua, a identidade e a cultura, são fatores inerentes ao ser humano, e nada se apresenta absolutamente contra a preservação desses elementos, pois esse conceito é tido como absolutamente natural. No entanto, existe certo radicalismo em relação à aceitação do implante coclear e tudo parece estar centralizado na antiga luta entre ouvintes e não ouvintes, agora com o fator determinante de que o implantado passa à categoria de ouvinte, como se ele tivesse simplesmente perdido a sua condição de surdez.

Não estaria nesse caso, praticando-se uma mesma incompreensão histórica em relação à surdez, agora incidindo sobre os deficientes portadores do implante coclear? Ou mesmo, um renascimento da luta entre o oralismo (representando o mal) e língua dos sinais (representantes do bem)? Ou uma eterna perpetuação da incompreensão e da discriminação que foi intrínseca aos deficientes de forma geral?

Um trabalho acadêmico de Lightig (2003), em uma série de entrevistas com um público não ouvinte, eles, declararam o seu desconhecimento em relação à cirurgia do implante coclear e a ausência de informações quanto as suas limitações e benefícios. Não seria o caso das comunidades surdas se prestarem ao esclarecimento dessas questões? E mesmo, forçar através do exercício da cidadania, a obrigar o governo a ampliar a implantação gratuita do IC, as variadas faixas etárias, uma vez que ele está limitado ainda a

uma pequena parcela da população infantil? Não seria esse um papel determinante e relevante para as comunidades dos não ouvintes, ao invés de se preocuparem em serem chamados apenas de Surdos, ou surdos?

E também, levar-se em consideração, que não se altera essa condição da surdez, simplesmente ouvindo através de um implante, pois isso absolutamente não descaracteriza a condição do implantado ser um não ouvinte?

Afinal, quando o implantado tira os elementos externos que propiciam a audição, para realizar algumas atividades, como banho, natação, ou outra coisa qualquer, ele será sempre um ouvinte ou não?

A resposta correta talvez fosse que ele é apenas um não ouvinte, que momentaneamente ouve...

É essa a realidade dos implantados?

E, qual o motivo de rejeição ao implante por essa parcela de ouvintes e uma enorme parcela de não ouvintes? Qual o motivo dessa discriminação tão sistemática a ponto de existir uma página na internet denominada: “eu odeio o implante coclear”?

Talvez a formação do mito e do senso comum explique uma parte desse problema, pois Marc Ferro (1989, p.16) dizia que “a verdade pode ser um mito, e seus procedimentos, um logro”, e além disso:

Toda argumentação, qualquer que seja, propõe-se influenciar um auditório – no sentido amplo dessa palavra, que engloba não apenas auditores, mas também leitores – e esse auditório não é uma tábula rasa, antes já admite certos fatos, certas pressuposições, certos valores e certas técnicas argumentativas (CARVALHO, 1989, p.233).

Além disso, o mito, o senso comum é também: “[...] um feixe de símbolos e uma interpretação é apenas uma das interpretações [...]” (BRANDÃO, 2000, p.203), e nesse mundo de interpretações, e de uma maneira geral, todos nós, agimos e pensamos de uma forma ainda muito limitada, pois:

Apega-se a um aspecto das aparências e o transforma em certeza, em verdade. E como cada um percebe o mundo de maneira diferente, as opiniões que resultam dessa percepção também são variados e divergentes. Além disso, é comum que as opiniões ocultem interesses pessoais. Dessa maneira, a opinião (doxa) jamais pode proporcionar o verdadeiro conhecimento, que é a ciência (episteme). (Platão apud ABRÃO, 2004, p.50).

[...] A história da ciência tem mostrado que não existe uma “coisa” (teoria, proposição ou fato) que possa seriamente ser designada como verdadeira. Existem teorias, proposição e fatos que hoje são verdadeiros, ou o são relativamente a uma certa perspectiva, a um certo contexto. Isso significa que por princípio, todas as teorias, proposições ou fatos que hoje consideramos verdadeiros podem deixar de sê-lo amanhã. Nós jamais teremos a completa e absoluta certeza de termos atingido a verdade. Por mais que uma teoria tenha evidências comprobatórias não há nenhuma garantia de que um fato novo não venha a falsificá-la [...] (CARVALHO, 1989, p.36).

Ela se inicia como um conjunto sistemático de ideias que os pensadores de uma classe em ascensão produzem para essa nova classe apareça como representante dos interesses de toda a sociedade [...] ela prossegue tornando-se aquilo que Gramsci denomina de

senso comum, isto é, ela se populariza, torna-se um conjunto de ideias e valores concatenados e coerentes, aceito por todos [...] as ideias e valores da classe emergente são interiorizados pela consciência de todos os membros não dominantes da sociedade (CHAUÍ, 1983, p.108).

Portanto, como as percepções são variadas e diferentes, nada pode ser designado como absolutamente verdadeiro, e apenas um aspecto das aparências não pode ser transformado em certeza e verdade, além disso, outras teorias ou opiniões são verdadeiros apenas sob certa e restrita perspectiva.

No entanto, essa rejeição ao implante coclear, essa certeza da não aceitação da cirurgia, acabou por transformar apenas um aspecto da aparência em verdade, numa visão de certa forma bastante limitante, pois esse conjunto de ideias e valores contra o implante se estabeleceram de forma absoluta e seguida muito rigidamente dentro das comunidades dos não ouvintes.

Esse senso comum, essa percepção excludente de ver o mundo e essa ideologia popularizada, restritiva ao implante, aceitas de certa forma como ideias e valores intocáveis, ainda não respondem a todas as questões envolvidas nesse assunto.

Existem mais dúvidas do que certezas nesse processo de compreensão desses problemas inerentes aos deficientes auditivos, quase como se uma tênue teia invisível, um véu obstruísse ainda um pleno entendimento.

### **Novos horizontes em relação à audição**

Talvez, um caminho recomendável para se percorrer, ouvintes e não ouvintes, oralistas, gestualistas, e mesmo os não ouvintes implantados, seria procurar



construir um novo entendimento, caracterizado nesse exemplo da alegoria da caverna de Platão (428-349 a.C), pois essa proposta filosófica, como diz Paviani (2001), pode ser essencial para escapar desse verdadeiro empedramento de algumas idéias.



A alegoria da caverna, ou mito da caverna, como dizem alguns, relata que inúmeros prisioneiros dentro de uma caverna olhavam para as paredes a sua frente. As suas costas uma grande fogueira projetava a sombra de objetos carregados por outros que passavam lá ainda mais atrás.

Uma vida inteira nessa caverna transformaram as sombras em objetos reais. Mas um desses prisioneiros conseguiu escapar e percebe a grande ilusão que ele e seus companheiros viviam. Existia todo um mundo de luz, de sons, de surpreendentes imagens e de novas possibilidades de vivência.

Portanto, essa metáfora mostra claramente as limitações da realidade que conseguimos perceber; pois temos que conhecer e vivenciar novos horizontes; procurar novos recursos, inclusive e principalmente no campo da compreensão, da harmônica convivência, pois a soma de diferentes parcelas perceptíveis é que faz o conhecimento completo; além disso, toda a construção cognitiva é um processo ativo e incessante, que novos aprendizados interferem na percepção, e que nunca podemos estagnar em um

único pensamento, em um bloco monolítico mental de hábitos e comportamentos.

Também a psicologia, diz, que a relação entre percepção e ilusão é ainda mais estreita do que imaginamos e que a construção de nosso universo perceptivo é intrinsecamente ambígua (BALDO, 2003), igualmente:

Quando nos damos conta de tais discrepâncias, surpreendemo-nos como se o nosso sensorial estivesse sendo “enganado”, ou como se estivesse falhando de alguma forma, sem perceber está utilizando as mesmas regras nas quais confiamos como fonte de informações seguras sobre o que nos cerca. No final das contas, as ilusões não são “erros” de percepção, mas algo que resulta dos nossos cotidianos mecanismos de construção de um percepto. Na verdade, muitas vezes nossa percepção de tempo deixa levar-se, espontaneamente, por vívidas ilusões de forma, profundidade, cor e movimento, embrulhadas em emoções também ilusórias [...] (BALDO, 2003, p.12).

O autor obviamente não está somente falando de ilusões visuais, então acredita-se que ouvintes e não ouvintes, ainda têm um longo caminho, nessa busca desse necessário entendimento.

Conclui-se enfim, que uma avaliação, desses diversos conflitos e interesses existentes, terá que ser solucionadas com idéias inovadoras que passam inexoravelmente pela eliminação de todo e qualquer radicalismo.

Esta série de reflexões, infelizmente ainda não consegue alcançar as respostas adequadas e necessárias as várias indagações levantadas nesse estudo, no entanto tem a finalidade de propor que a identidade Surda, ou identidade surda, ou identidade dos

deficientes auditivos, e o êxito de suas comunidades, só terão efetivo sucesso, quando também aceitarem as novas técnicas que permitem o acesso à plena audição.

Se, o preconceito utilizado contra os deficientes auditivos, através da história, pode ser considerado como uma mancha na dignidade humana, esses elementos discriminatórios não deveriam ou poderiam nunca, também ser utilizados sobre essa série de novas possibilidades.

#### Referências

- ABRÃO, B. S. **Os pensadores: A história da filosofia.** São Paulo: Editora Nova Cultural, 2004.
- ARISTÓTELES. **Os pensadores.** São Paulo: Editora Nova Cultural, 2005. 315p.
- BALDO, M. V. **Ilusões: o olho mágico da percepção.** Revista Brasileira de psiquiatria. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 09 dez. 2009.
- BEVILACQUA, M. C. & MORET, A. L. M. **Deficiência auditiva: Conversando com familiares e profissionais de saúde.** São José dos Campos: Pulso, 2005. 320 p.
- BRANDÃO, J. S. **Mitologia grega.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.
- BUENO, José G. S. **Surdez, linguagem e cultura.** Cadernos CEDES, vol.19 n 46 – Campinas. Set. 1998. Disponível em <<http://www.cielo.br>>. Acesso em: 19 jun. 2009.
- CARVALHO, M. C. **Paradigmas filosóficos da atualidade.** Campinas: Papirus Editora, 1989.
- CHAUÍ, M. **O que é ideologia.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- Declaração de Salamanca,** 1994.
- FERRO, M. **A história vigiada.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- FREITAS, S. **Educação inclusiva e necessidades educacionais especiais.** Santa Maria: UFSM, 2005.
- JANNUZZI, G. M. **A Educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI.** São Paulo: Autores associados, 2004.
- KASSAR, M. C. M. **Caminhos pedagógicos da educação especial.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- LICHTIG, I. MECCA, F. D. N.; BARBOSA, F.; GOMES, M. **O implante coclear e a comunidade surda: desafio ou solução?** II Seminário ATIID – Acessibilidade, TI e Inclusão digital. 23-24/09/2003. Disponível em: <<http://www.fsp.usp.br/acessibilidade>>. Acesso em: 10 dez. 2009.
- LIMA, L. Apertem os cintos, a direção (as) sumiu! Os desafios da gestão nas escolas inclusivas. IN: Freitas, S. et. Al (org). **Educação inclusiva e necessidades educacionais especiais.** Santa Maria: UFSM, 2005.
- LINTON, R. **O homem: uma introdução a antropologia.** São Paulo: Martins Fontes Editora, 1987. 470 p.
- MOURA, M. C. **O Surdo, caminhos para uma nova identidade.** Rio de Janeiro: Editora Revinter, 2000.
- PAVIANI, J. **Filosofia e método em Platão.** Porto Alegre: Editora EDIPUCRS, 2001.